

A COMUNIDADE PROTESTANTE DO SANA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: Hibridismo cultural e religioso e a influência do espaço rural

Vinner Stutz de Oliveira¹

Artigo recebido em: 16/05/2023.

Artigo aceito em: 11/12/2023.

RESUMO:

O protestantismo no Sana (Macaé/RJ) se inicia com ritos híbridos com elementos espíritas e católicos sem a presença de um missionário protestante, e uma posterior transformação em igrejas institucionalizadas conservadoras. Com isto, este artigo, através das leituras das atas protestantes e de relatos dos colonos e sua descendência, busca investigar a criação desta comunidade ligada a imigração suíça e alemã destinada a região da Serra Fluminense nos anos 1820 e 1830, para entender a inserção de protestantes neste espaço, seu isolamento das cidades próximas, o contato com os ritos católicos e espíritas para a criação de uma religiosidade híbrida, e sua conversa com o meio.

PALAVRAS-CHAVE: Protestantismo no Brasil; Imigração Suíça e Alemã; Serra Fluminense.

THE PROTESTANT COMMUNITY OF SANA IN THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY:

Cultural and religious hybridism and the influence of rural space

ABSTRACT:

As it does not depend exclusively on the presence of a missionary to have the desire to found a Protestant cult in the region, the case of the beginning of Protestantism in Sana becomes unique, including its hybrid rites with Spiritist and Catholic elements, and a subsequent transformation into conservative institutionalized churches. This article, through the readings of the protestant records and reports of the settlers and their descendants, seeks to investigate the creation of this community linked to Swiss and German immigration destined for the Serra Fluminense region in the 1820s and 1830s, to understand the insertion of Protestants in this space, their isolation from nearby cities, their contact with

¹ Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense; Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; doutorando pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1631287124134182>; e-mail: vinneroliveira@gmail.com.

Catholic and Spiritist rites for the creation of a hybrid religiosity, and their conversation with the environment.

KEYWORDS: Protestantism in Brazil; Swiss and German immigration; Serra Fluminense.

1. Introdução

Neste artigo irei abordar o distrito do Sana, na serra do município de Macaé, estado do Rio de Janeiro. Uma localidade que tem como início os cantões suíços e alemães, com a vinda dos imigrantes de tais países em fins da década de 1810 e durante a primeira metade da década de 1820, principalmente. Com caminhos que perpassam os países europeus até a chegada ao Brasil, instalando-se em Nova Friburgo, também na província do Rio de Janeiro, uma colônia de imigrantes planejada para suprir o abastecimento das fazendas de café de Cantagalo e região, e também auxiliar na subsistência, no transporte, e demais serviços carentes de trabalhadores. Com uma propaganda de melhoria de vida, onde são convencidos de que teriam fazendas próprias com terras que dessem todo tipo de cultura – com maior olhar para o café, primeiramente suíços, com esperança de saírem da miséria de uma Europa pós-Napoleão, vão para Nova Friburgo, em uma complicada viagem, e ali descobrem que seriam peças de uma engrenagem onde somente são coadjuvantes com uma cidade cheia de problemas e terras não tão produtivas (NICOULIN, 1995).

Ocorre assim uma debandada dos colonos, saindo para outras regiões do país, ou mesmo voltando para suas terras. Assim chegam os alemães, como forma de ficarem nas lacunas da colônia suíça de Nova Friburgo em 1824, e esses acabam participando da mesma debandada. O primeiro local onde alguns que saem de Nova Friburgo vão para dentro do Brasil é a serra de Macaé, que tem um clima parecido com Nova Friburgo, mas com melhores condições de plantio. Assim, primeiramente suíços e, depois, alemães foram se apropriando daquela região, com o aval do Governo Imperial, expulsando os habitantes dos quilombos existentes às margens do Rio Sana (nomeado assim após a chegada dos colonos) e separando os lotes que cabiam a cada um dos colonos.²

A maioria desses lotes consistiam de pequenas propriedades rurais (com poucas fazendas de grande porte), com uma agricultura familiar, tendo como base o plantio de culturas tropicais, com maior relevância para o café, como nas terras de Cantagalo. A grande diferença entre Cantagalo e o Sana estava no fato de este ser dividido em lotes nos moldes de Nova Friburgo – ou seja, uma agricultura familiar – com sítios, chácaras e pequenas propriedades, enquanto em Cantagalo tínhamos os latifúndios cafeeiros de nobres plantadores de café, fazendas as quais Nova Friburgo abastecia com seus produtos (HECHT, 2009). O Sana não teve essa forte ligação com Nova Friburgo no âmbito econômico, o que permitiu que suas famílias tivessem certa independência podendo criar suas casas e sítios sem grande interferência de Nova Friburgo ou mesmo de Macaé, município em que o Sana era – e ainda é – distrito.

Essa independência fez com que o Sana permanecesse a uma relativa distância das vilas próximas, mantendo, mesmo, um isolamento desses locais, produzindo sua própria cultura e seus próprios laços familiares, econômicos e religiosos. Apesar dessa autonomia, em um sentido religioso, o Sana não se manteve tão isolado de Nova Friburgo, tendo boa parte de suas famílias protestantes continuado a se entender como comungantes da Igreja Luterana da vila (mais tarde, cidade). Porém, embora durante um tempo se percebessem como luteranos ligados a essa igreja, foram cada vez mais adotando o culto doméstico e familiar e se isolando em suas próprias terras. O Sana se fecha em si, as famílias se resguardam nesse local realizando seus trabalhos em suas lavouras familiares de café e adotando formas religiosas que foram se moldando com os saberes domésticos, vindos da época em que participavam dos cultos protestantes organizados, e suas convicções próprias, além do contato com as outras famílias próximas, que também tinham seu culto doméstico e familiar, com seus princípios e crenças pessoais.

² ARQUIVO MUNICIPAL DE NOVA FRIBURGO. Alemães Pioneiros em Nova Friburgo. Nova Friburgo/RJ: Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, s/d
ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA FRIBURGO. 1820-1821. Arquivo Municipal de Nova Friburgo.

O objetivo então deste artigo é analisar essa comunidade isolada que adotou o culto doméstico e familiar ao invés do protestantismo institucionalizado dos cultos na cidade de Nova Friburgo, e aos poucos foi misturando as diferentes formas religiosas, ritos, costumes dentro de seus lotes com os demais indivíduos da região que não eram imigrantes e que foram fazendo parte da comunidade do Sana, com o passar do tempo, tendo em vista a instalação de novos habitantes pela valorização do café na serra de Macaé e por demais fatores sociais, ambientais, econômicos e políticos. Abordaremos a forma como aquela comunidade, apesar de estar isolada das vilas próximas, entrelaça esses ritos religiosos das famílias daquele ambiente rural, através das trocas culturais feitas nos contatos entre essas famílias neste espaço onde as fronteiras se cruzam, inclusive da própria cultura dominante católica presente na dinâmica espacial do interior do Rio de Janeiro³, com as culturas protestantes e espíritas das famílias provenientes dos colonos (ELIAS, 1994; RUTHERFORD, 1990). Este contato entre a cultura dominante e a cultura dos que se inserem neste espaço tem como resultado uma mistura entre os ritos, uma nova forma religiosa, portanto, um hibridismo cultural e religioso. Essa forma híbrida de culto irá entrar em choque com o protestantismo institucionalizado, que se fará na comunidade ainda na primeira década do século XX. Analisaremos também a influência geográfica dos campos sobre essa forma religiosa, e dos ritos sobre a área rural, trazendo um diálogo entre as partes.

2. Experiências religiosas protestantes na comunidade do Sana (Macaé/RJ)

Com a distância geográfica e o isolamento devido à dificuldade de locomoção das terras do Sana para os centros urbanos próximos, as pessoas que moravam nos lotes rurais daquela localidade para – principalmente – o plantio do

³ A aproximação entre ritos católicos e protestantes nas áreas rurais da Suíça e da Alemanha durante o século XVIII e início do século XIX, e também na cidade de Nova Friburgo existia anteriormente. Existia também o catolicismo popular com elementos sincréticos neste momento no Brasil, que fará parte desta mistura relatada no texto, mas sem grandes apontamentos dos relatos nestas comunidades.

café começaram a ter uma vida voltada a sua terra, ao escoamento das culturas obtidas a partir dela, e sua comunidade (neste caso, tanto a comunidade familiar, das terras de suas fazendas isoladas de outras localidades, quanto a comunidade do Sana, pessoas das cercas ao lado, que se encontravam nos afazeres, nos comércios locais, nos encontros casuais).

Com as formas religiosas pessoais misturada aos contatos anteriores do protestantismo institucionalizado dos colonos suíços e alemães, as fazendas de café do Sana passam a ter ritos e cultos novos, uma religiosidade particular exercitada dentro dos muros de suas casas em seus ritos domésticos e familiares. Vale lembrar que existiam colonos protestantes, mas também católicos. A colônia de suíços para Nova Friburgo encomendada na década de 1810 e que chegaria ao país principalmente no início dos anos 1820, contava com católicos em sua maioria (onde, na verdade, deveria ser completamente católica, porém o contratante Niklaus Gachet, excedeu quase todas as cláusulas do contrato, inclusive trazendo protestantes). Nestas trocas iniciais na comunidade isolada do Sana, temos uma religiosidade católica e uma religiosidade protestante em pleno contato, que com as décadas se misturam os elementos protestantes e católicos em seus lares, com bíblias protestantes e santos católicos. Com o passar das gerações durante o século XIX, este culto, que era isolado das instituições desde os anos 1820/1830, começa a se tornar ainda mais particular e distante da forma institucionalizada do protestantismo, criando uma identidade própria (SOARES, 2010).

Era um culto que agora passava a ser híbrido, das formas religiosas pessoais já comentadas com as novas fronteiras interpessoais do Sana, onde aquela comunidade, nos pontos de contato, misturava seus diferentes ritos. E essas fronteiras passaram a ser cada vez mais plurais com a chegada de novos elementos ao Sana. No decorrer do XIX, tivemos a presença de afro-brasileiros e sua religiosidade, de franceses kardecistas e suas formas religiosas. Assim, a religiosidade híbrida do culto doméstico e familiar iria se moldando.

Seus saberes domésticos baseados nos ritos luteranos (por parte dos colonos alemães) e calvinistas (por parte de alguns dos colonos suíços) que, junto dos ritos católicos dos colonos suíços, já estavam realizando trocas, formando um “terceiro espaço” que seria a religiosidade presente na comunidade do Sana, veria neste momento mais elementos de contato, de mistura (BHABHA, 1998). Um novo fluxo se coloca em jogo. As trocas culturais existentes nesta comunidade, ainda isolada, encontra agora os ritos afro-brasileiros e kardecistas. Por mais que a cultura dominante seja a católica, este rito, que está se hibridizando, é chamado de rito protestante e continua doméstico, mas criando a “tradução cultural” com santos católicos, com uma crença na mediunidade, com as adivinhações, que serão chamadas de feitiçarias pelas atas das igrejas institucionalizadas que se estabeleceram no Sana anos depois (BHABHA, 1998; BURKE, 2003).

Com o início do século XX, vemos uma vontade de retorno às origens dos cultos públicos em prol dos ritos domésticos que estavam sendo realizados desde o começo da comunidade do Sana. Essa vontade talvez surgiu do contato com distritos, comunidades próximas, principalmente da serra friburguense. Essas comunidades, apesar de serem rurais, da mesma forma, possuíam cultos públicos protestantes e, provavelmente, as pessoas que circulavam por estas terras falavam sobre esses ritos, o que pode ter exercido certa influência sobre os habitantes do Sana. Mas ainda é uma hipótese muito vaga e inconclusa. Pois não tem relatos sobre o porquê desse desejo ter acontecido nesse momento, pois essas comunidades rurais deviam se comunicar desde o início. Ainda não é uma questão que encontrei respostas de fato, só hipóteses que ainda tenho formulado, onde a maior suspeita que tenho é da comunidade deixando de ser isolada, tendo contato com outras comunidades que surgiram próximas ao Sana e contavam com templos católicos, e a chegada de novos elementos ao Sana que queriam continuar os ritos públicos que praticavam em suas antigas localidades.

No entanto, o fato é que eles juntaram suas famílias, com seus diferentes ritos, e começaram a criar um culto público de religiosidade híbrida, com uma base coesa de pessoas para participarem, e nomeavam seu culto como um culto protestante. Por isso, chamaremos de cultos de protestantismo híbrido. Mas é interessante também frisar que no Livro de Atas de Número 1 da Igreja Presbiteriana do Sana, na parte introdutória onde o missionário Thomas Porter faz um breve histórico, é dito que antes desta comunidade dita protestante se organizar publicamente, existia uma cena espírita pública e atuante, que pode ter motivado os protestantes a deixarem de fazer um rito doméstico e familiar para realizarem um culto público, e também, com a divulgação e contato dos ritos espíritas, tenhamos a inclusão de seus elementos aos ritos públicos e comunitários do protestantismo híbrido do Sana.

Esse culto público se inicia no ano de 1907, apenas contando com famílias de lavradores e donas de casa, e três pessoas exerciam o papel de liderança religiosa, como uma espécie de sacerdotes, deste culto. Esses três eram os irmãos Salustiano e Manoel Monteiro, e uma terceira pessoa cujo nome não é escrito em nenhuma das fontes, sendo dado como desconhecido. Dos três, o líder mais atuante é o Salustiano Monteiro. Mesmo sem instruções eclesásticas do protestantismo institucionalizado, ele se denomina líder protestante, levando bíblias, realizando leituras da palavra, exortando, dirigindo as reuniões, aspergindo pessoas, sendo auxiliado por seu irmão.

Falando especificamente da forma e dos ritos nos cultos, eles eram guiados pelos irmãos Monteiro e contavam com a leitura da Bíblia protestante, hinos protestantes também eram entoados, um sermão era regido por um dos irmãos, realizavam o que Porter chama de “mesa branca espírita”⁴, haviam manifestações e recepção de espíritos e adoração a santos da Igreja Católica. Logo após cada culto,

⁴ expressão de origem popular, considerado por muitos espíritas kardecistas como sendo fruto de ignorância popular ou de errada interpretação, que identifica o rito espírita em que as pessoas entram em sintonia mental ou intercâmbio mediúnicamente entre espíritos, para fins diversos. Somente irei utilizar a expressão por constarem nas atas da Igreja Presbiteriana do Sana, cujos participantes, em sua maioria vieram de um rito híbrido protestante e espírita.

ou como parte final do culto, havia um baile que contava com músicas e danças até o amanhecer do dia. Em algumas das reuniões, também realizavam o momento da eucaristia e os batismos feitos no Rio Sana “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Esses cultos foram crescendo e começavam a participar mais pessoas dentro do Sana, e também nas demais regiões da serra macaense, que se deslocavam de locais distantes dentro do município para participarem dos ritos, indo e voltando, algumas vezes, a pé, pois eram localidades de difícil locomoção e transporte.⁵

Ainda no ano de 1907, o Sana passa a ter contato com o protestantismo institucionalizado a partir da ida de um dos membros dos ritos híbridos chamado João Mozer para um distrito de Bom Jardim cujo nome é Barra Alegre. Nessa visita ao distrito, Mozer vai a uma igreja presbiteriana e percebe o modo diferente de culto daquelas pessoas. Nisso, membros do rito protestante híbrido do Sana decidem convidar alguém daquela igreja para “ensinar a forma correta” do protestantismo às pessoas da comunidade do Sana. Esse contato se dá através da chegada de João Stutz, presbítero da Igreja Presbiteriana de Barra Alegre, que começa a explicar como seria um culto protestante calvinista. Isso causa uma cisão nos membros do rito híbrido do Sana. Enquanto alguns querem continuar a celebrar os cultos da forma que já vinham fazendo, outros decidem ouvir João Stutz e iniciam o que seria, logo mais, um trabalho presbiteriano. No primeiro grupo, a liderança continua sendo dos irmãos Monteiro, no segundo, além do presbítero, contam também com a liderança de Pedro Gaspar, dono do espaço onde faziam o culto.

Com a cisão, cada grupo passa a funcionar de forma independente, onde cada um se associa a uma denominação, porém o protestantismo híbrido do Sana não continuou por muito tempo. Os irmãos Monteiro começam a convidar missionários batistas a região e fundam a Igreja Batista do Sana em 1908. Isso se dá pela pressão da própria comunidade do protestantismo híbrido sobre a vinda de um

⁵ Localidades próximas como Bicuda Grande, Bicuda Pequena, Frade, Glicério (todas estas se encontram hoje no município de Macaé), Pedra Branca (hoje no município de Trajano de Moraes) e Casimiro de Abreu.

protestantismo

institucionalizado também para seus ritos. Os irmãos Monteiro mantêm, no começo, formas híbridas junto do culto batista, firmando-se como líderes batistas da região.

Porém, assim que a Igreja Batista é organizada em 1908, Manoel Monteiro abandona os ritos espíritas e passa a fazer somente o rito tradicional e institucionalizado protestante, para desgosto do seu irmão Salustiano, que decide sair da congregação, depois de um tempo.

Sobre o segundo grupo, ele se associa a Igreja Presbiteriana e convida um missionário estadunidense para liderar as pessoas que agora congregam na “Figueira Gaspar”. Convidam um missionário pelo fato do presbítero Stutz entender que, por não ser um pastor, não poderia liderar uma congregação presbiteriana. Sendo assim, pede para que enviem cartas ao pastor de Nova Friburgo, Henrique Louro de Carvalho, que não pode assumir este trabalho, chamando um membro da missão americana que apoiava a Igreja Presbiteriana do Brasil. O missionário Thomas Porter vai ao Sana e agora se encarrega de liderar e organizar a igreja.

Thomas Porter, agora na liderança do culto da Figueira Gaspar, faz um reconhecimento na região e rege o culto no dia 01 de março de 1908. Até abril de 1909, quando a igreja é organizada, totalizam-se 230 membros afiliados ao trabalho presbiteriano de Porter. Por não poder continuar como pastor daquela comunidade, pois era missionário e não um pastor presbiteriano, e pensando no fato da dificuldade de chamar pastores para liderarem um trabalho em um local tão isolado e de difícil acesso, convida três membros para serem os “zeladores do culto”, ou seja, as pessoas responsáveis por dirigir os cultos na falta de pastores, ou então nomear alguém para dirigir, e zelar para que todos os membros estivessem participando do culto, mantendo-o em ordem. Além desses, convida outros três membros para serem os “zeladores da casa”, que deveriam zelar para que houvesse um local de culto enquanto o templo estava sendo construído, não podendo faltar local para que os zeladores de culto dirigissem os ritos. Como zeladores de culto, foram escolhidos Manuel Baptista, Anastácio da Silva e Pedro Gaspar (que exercia

um papel central de liderança antes ainda da chegada do missionário) e como zeladores da casa foram selecionados Carlos Gaspar (irmão de Pedro), Nicanor Brazil e José Araújo.

Para substituí-lo como pastor daquela comunidade, Porter convida Samuel Barbosa, que iria acompanhar o final do processo de organização da igreja e assumiria o trabalho efetivamente após a data oficial de organização. E assim aconteceu, no dia 18 de abril de 1909. Enquanto isso, a Igreja Batista do Sana havia sido organizada no ano anterior, com um trabalho mais sólido e com um templo já construído no momento da chegada dos missionários batistas. Manoel Monteiro assumindo o trabalho, abrindo mão do hibridismo, aceitando o protestantismo institucionalizado. Nisso, divergiu do seu irmão Salustiano, que se junta a Igreja Presbiteriana na data de sua organização. Porém Salustiano não ficaria muito tempo, ele foi disciplinado por tentar recolocar as práticas espíritas no culto presbiteriano, retomando o protestantismo híbrido, tendo sido retirado do rol de membros.

Ao se falar sobre o início da Igreja Presbiteriana do Sana (já como igreja devidamente instalada e organizada, com o seu rol de membros bem constituído, um corpo de presbíteros atuante e um templo construído), temos um bom panorama de como era a vida da igreja, a igreja enquanto uma comunidade e inclusive como era a própria comunidade do Sana, percebendo de fato como era constituída aquela localidade. As relações das pessoas da igreja entre si, as trocas da igreja com a comunidade e a influência que as duas exerciam uma na outra são facilmente percebidas nas Atas de número 1 e 2 da Igreja Presbiteriana do Sana quando se comenta, junto com o relato das pessoas que são batizadas e professam a fé (pessoas que entraram no corpo de membros da igreja), a ocupação da pessoa, o lugar de onde vinha e, às vezes, o modo como chegou até lá.

Vê-se, por meio de todo o relato, que a igreja era constituída única e completamente por lavradores (agricultores) e domésticas (donas de casa).⁶ Tal

⁶ Pelo menos, todos os nomes encontrados na ata apontavam exatamente a mesma ocupação.

informação mostra a total visão da igreja voltada para a vida rural, para o campo. É inegável a observação de que era uma comunidade agrícola, da qual todos que faziam parte viviam da terra, o que torna a igreja também dependente da terra para sobreviver. Tal relato demonstra ainda, nesse caso, o sentido do Sana e, quem sabe, da serra de Macaé como um todo, onde a expressiva maioria de agricultores eram plantadores de café que escoavam seus produtos pelos caminhos de Macaé e Casimiro de Abreu até o porto de Macaé, e os produtos chegavam – em sua maioria – na cidade do Rio de Janeiro (AMANTINO, 2011). Havia também pessoas ligadas ao gado bovino, entre outras atividades menores dentro da serra macaense.

O impacto sobre a comunidade rural da serra de Macaé foi tanto que vemos relatado nas primeiras atas um movimento de pessoas que se encontravam em localidades diferentes, e mesmo distantes, dessa serra. As pessoas se deslocavam em viagens a pé ou com auxílio de cavalos ou carroças. Em algumas vezes, vemos relatos de pessoas que passavam quase um dia inteiro na estrada para participarem do culto no domingo. Isso também significa uma quantidade maior de culturas, o que poderia representar um aumento de ritos diferentes na religiosidade híbrida, porém aqui não mais estimulada, e sim desencorajada pela religião instituída. Com o contato crescente e a necessidade de se chegar as pessoas dessa região, algumas congregações foram criadas em algumas das comunidades próximas, onde pessoas inicialmente se deslocavam para o culto no Sana.

Mais uma vez tratando do papel das lideranças locais serem as efetivas na igreja em detrimento dos pastores nas regiões rurais, tendo como vista o Sana, mesmo com a alta rotatividade dos pastores, a força dos presbíteros enquanto lideranças é demonstrada nas atas. Constituindo, assim, os nomes que mais aparecem enquanto responsáveis para resolver as questões concernentes ao corpo da igreja, como é o caso dos presbíteros Pedro Gaspar, Carlos Gaspar, Cleveland Peixoto e Atagildo Daudt. Cada um se tornava responsável por dada área da igreja, dos diáconos, que eram votados, até as mulheres, em uma comunidade que vinha se

mostrando extremamente patriarcal e conservadora. As mulheres ficavam à frente não somente de tarefas domésticas, que eram costumeiramente delegadas a elas, como do cuidado da cozinha da igreja e da limpeza junto aos diáconos, além da educação na escola que funcionava naquela igreja, nesse sentido, pouco mudando os cargos delegados por Porter quando criou os “zeladores do culto” e os “zeladores da casa”.

E assim, toda a dinâmica hierárquica e de organização da igreja presbiteriana no Sana acompanhava a comunidade, e isso significa que também era influenciada pelos fatores econômicos e políticos, com a valorização do café na serra de Macaé acompanhando a movimentação da economia cafeeira no Brasil nos anos 1910 e 1920 e o seu declínio e estagnação nas décadas de 1930 em diante, e os fatores geográficos/ambientais, que moldarão a comunidade e, conseqüentemente a igreja, como também o meio será moldado pela igreja e a comunidade.

3. Hibridismo cultural e religioso na Serra de Macaé

Como dito, a comunidade do Sana foi criada na década de 1820 por colonos suíços e alemães insatisfeitos com as terras onde habitavam em Nova Friburgo e acabou por se tornar um local isolado. Porém, ainda assim existia um motivo que atendia os interesses da classe dominante sobre essa comunidade de dominados. As terras em Nova Friburgo não eram boas, principalmente por estarem dentro de uma dinâmica cafeeira, onde os barões de café do Cantagalo precisavam de sítios que abastecessem essas fazendas de alimentos, e também que transportassem o café aos portos. A colônia chega ao Brasil com essa proposta do governo de D. João VI. Ela estava incluída dentro de um plano de dominação e incorporação a essa dinâmica. Mesmo que tenham se negado a continuarem nestas terras, o governo, agora imperial, decide que as terras onde está localizado o Sana poderiam ser de bom grado. Tanto para acabar e afugentar quilombos que se encontravam nestas terras (GOMES, 2015), mas também para fazerem parte de um

plano de produzir café em pequenas comunidades naquela região, que estava sendo feito, para escoar a produção, junto do açúcar, ao porto de Macaé.

Por mais que o deslocamento no espaço tenha sido com a proposta de encaixar esta comunidade insatisfeita em uma dinâmica econômica em pauta na Serra Fluminense, a religião se isolava e manifestava uma mistura que acontecia pela indiferença das classes dominantes da região com a cultura desta comunidade isolada, que cumpria seu papel, porém não se comunicava com outras localidades da serra. Esta nova identidade surge pelas trocas culturais dentro deste espaço social e simbólico, construído a mando do governo como complemento a classe dominante cafeeira de Cantagalo, que cria um novo habitus ligado aos agentes daquela comunidade – as suas formas religiosas misturadas (ELIAS, 1994; BOURDIEU, 2001). Uma comunidade que tem uma nova identidade religiosa, moldada pela vontade dominante, com traduções dos ritos que ocorriam nos contatos entre famílias na parte comercial do Sana, que servia como seu espaço liminar (BHABHA, 1998).

Essa religiosidade particular me parece se tornar pública e híbrida partindo de um movimento de sinergia (HANNERZ, 1997), onde o culto individual e doméstico, com suas crenças únicas e íntimas, mistura-se às crenças únicas e íntimas de cada um da família que participa deles. Sendo assim, no consenso da comunidade dos que se diziam protestantes em fazerem um culto público, essa união de crenças individuais toma corpo como uma congregação com um rito único, fruto das misturas dessas crenças individuais e íntimas. Porém, não somente acredito, por uma tentativa de reavivar suas raízes, que eles passam a tentar os cultos públicos, mas principalmente pelo início de um contato com outras culturas de regiões rurais próximas ao Sana, em Nova Friburgo, que contavam com trabalhos públicos protestantes e católicos.

O meio e o contato entre culturas na serra de Macaé e de Nova Friburgo de fins do XIX e início do século XX têm um importante papel de troca com as religiões e práticas religiosas que existiam nas localidades dessa região. O Sana estava em ebulição populacional pela cultura do café, tornando essa troca mais dinâmica e frequente com o escoamento do café saindo do Sana e passando pelo Frade e chegando a Glicério, onde havia a estação de trem que levava o café ao porto de Macaé.

Além da parte protestante dos imigrantes suíços e alemães que faziam parte do culto híbrido doméstico e familiar que depois se torna um culto público, também é bom relatar a presença dos católicos entre os imigrantes que fundam a comunidade do Sana. Dentre aqueles que recebem os primeiros lotes e passam a viver na comunidade dita isolada, estão também elementos católicos que se isolam de suas comunidades religiosas em Nova Friburgo de igual forma ao que fizeram os protestantes. Algo que já vinha acontecendo nos templos católico e protestante enquanto não havia ocorrido a debandada dos colonos. É muito provável que as duas partes, que estavam isoladas de suas comunidades institucionalizadas, haviam se comunicado, realizando trocas culturais e religiosas que influenciaram na religiosidade híbrida que o Sana apresentou quando inicia o culto público.

Algo que também vale ressaltar são os traços amistosos que pareciam ter os católicos e protestantes no Sana, mesmo após o início do protestantismo institucionalizado, pois não vemos queixas dos protestantes contra as práticas católicas no local. Mesmo que as igrejas católicas do Sana tenham se instalado em momentos posteriores, é normal que existam queixas nesse período, mas mesmo nas atas não se encontram reclamações, críticas ou ataques, sejam relatos físicos ou verbais de ambas as partes, aos católicos, sejam locais ou ao catolicismo brasileiro. Sendo que esses tipos de queixas são encontrados sobre os elementos espíritas, sejam aqueles que ainda querem continuar na comunidade protestante, ou as práticas espíritas fora do ambiente protestante.

O Espiritismo kardecista havia chegado ao Brasil havia pouco tempo, durante a década de 1860 na cidade do Rio de Janeiro com imigrantes da França que passaram a realizar suas reuniões, de início somente com os próprios membros daquela comunidade de colonos que estariam começando uma vida nova no centro urbano carioca. Mas em um rápido movimento, ainda durante a década de 1860, passam a participar dessas reuniões alguns membros brasileiros, que aos poucos passam a realizar, a propagar e a impulsionar a nova forma religiosa através das traduções de Allan Kardec feitas nesses anos. No sentido da inserção e da rápida locomoção para outros locais dentro dos centros urbanos, e depois ao interior do país, o espiritismo no Brasil tem uma dinâmica parecida com a inserção do protestantismo – não contando aqui as experiências coloniais nas tentativas francesas e holandeses de conquistar um pedaço do Brasil, mas na vinda dos imigrantes protestantes e depois das missões protestantes. Talvez a grande diferença nesse sentido esteja na questão da novidade do Espiritismo, visto que era fruto de experiências bem recentes na França durante o próprio século XIX, e agora estava chegando ao Brasil e construindo uma sólida comunidade nas primeiras décadas de instalação (LEWGOY, 2008).

Vemos algumas comunidades espíritas, frutos da imigração francesa, passarem a migrar para o interior do Estado do Rio de Janeiro (na época, ainda Província), tanto nas zonas urbanas, como na cidade de Nova Friburgo, como nas zonas rurais, existindo relatos de comunidades francesas surgindo na zona rural de Nova Friburgo. Provavelmente essas comunidades tiveram contato e influenciaram os ritos no Sana. Olhando os relatos das atas da igreja presbiteriana do Sana, nós vemos uma possível relevância sendo dada aos elementos espíritas pelos irmãos Monteiro, mas esse contato e essa inserção na cultura religiosa do Sana vieram a partir do toque entre diferentes fronteiras culturais na região.

A mistura das práticas espíritas com o protestantismo passou a ser algo condenado pelos membros das igrejas, como vimos ao passar dos cultos híbridos para o protestantismo institucionalizado, mas ainda vemos relatos nas atas do culto

híbrido, que não parece ter deixado de existir assim que as igrejas batista e presbiteriana passam a ter maior vigilância sobre esses atos. Os relatos sobre essas questões não estão presentes apenas nos atos dos irmãos Monteiro, como também de outros membros nos Livros de Atas de Número 1 e de Número 2. Esses devem ser os exemplos mais fortes dessa continuidade dos cultos híbridos da primeira experiência, mas não temos relatos se ainda se reuniam ou se foram se dispersando e mantendo seus cultos domésticos e familiares como era antes de toda vontade de torná-lo público.

Assim, podemos dizer que no Sana tínhamos práticas protestantes e católicas por parte daqueles que começaram a comunidade, e também teríamos, muito provavelmente a presença de escravos – e dos seus descendentes – e das práticas religiosas dos cultos africanos. Por mais que os elementos espíritas contidos principalmente nos cultos híbridos, sejam as tentativas primárias, sejam sob a supervisão dos irmãos Monteiro, tenham sido em grande medida elementos que eram ligados ao espiritismo kardecista, creio que boa parte do que seria o contato do culto protestante e católico doméstico e familiar com elementos espíritas tenham acontecido antes com os ritos dos escravos que habitavam aquelas fazendas de café. Assim como em Nova Friburgo, assim como nas fazendas de Cantagalo, os sítios de agricultura familiar do Sana também irão conter a presença de escravos com os seus ritos, com seus cultos, que entraram em contato com as gerações de protestantes e católicos que irão se manter em isolamento.

Além dos escravos que faziam parte de toda dinâmica rural da serra macaense, friburguense e cantagalense, vimos no primeiro capítulo que existiam quilombos dentro do Sana que foram derrubados para a construção das outras comunidades, mas que ainda mantinham pessoas naquelas regiões; e não somente os quilombos do Sana, mas os demais quilombos na serra macaense, sendo o principal deles o quilombo de Carukango, que ficava na Serra do Deitado, entre Macaé e Conceição de Macabu (GOMES, 2015). Eles provavelmente exerciam sua influência dentro da dinâmica populacional enquanto existiram e deixaram suas marcas

culturais e religiosas mesmo depois de serem extintos. Com o passar do tempo, os costumes se misturavam entre os que residiam na mesma localidade e, sem alguma "autoridade" religiosa que tivesse interferido na comunidade do Sana, tornou-se a forma religiosa particular daquela localidade uma religião híbrida que inseria os elementos africanos. Esses elementos ritualísticos foram taxados, mais adiante, como feitiçaria e curandeirismo pelas atas da Igreja Presbiteriana do Sana, como partes das atas introdutórias em que Thomas Porter fala da influência da feitiçaria naquela comunidade, mas que eram comuns entre as famílias, como demonstram os primeiros cultos públicos híbridos daquela comunidade.

Dentro da comunidade do Sana após a instalação das igrejas institucionalizadas, estas passaram a assumir um papel de instituição dominante dentro daquela localidade. Assumiu um papel de identidade verdadeira (o protestantismo "puro" e "real") e jogou para a periferia as culturas religiosas que não se encaixavam dentro dos seus conceitos. Então aqueles ritos espíritas e afro-brasileiros, por mais que estivessem enraizados e hibridizados dentro da comunidade, passaram a ter as suas práticas perseguidas. Os agentes que não estavam dentro da identidade protestante verdadeira deveria ser excluído e terem suas práticas perseguidas, criando assim uma nova dinâmica nas trocas culturais e no espaço social e simbólico. Existia neste momento no Sana o habitus da religião dominante, que pertencia aos membros da Igreja Presbiteriana e da Igreja Batista, e o habitus de quem não poderia se encaixar neste grupo, os praticantes do espiritismo e da feitiçaria (BHABHA, 1998; BOURDIEU, 2001; SILVA, 2000).

4. O espaço e as comunidades rurais, suas transformações e as práticas religiosas

O Sana das décadas de 1820 a 1890, das décadas de 1900 a 1920 e de 1930 a 1950 são de três tipos de Sana diferentes. Três dinâmicas sociais, econômicas e políticas completamente diferentes em um mesmo espaço ocupado, por mais que a

maioria das famílias que estavam naquela região ainda era daquelas que vieram das colônias suíças e alemães à região. Mas, em um primeiro momento, temos uma localidade que estava sendo inserida e instalada espacialmente num meio que não lhe pertencia e não lhe era familiar. além disso, de difícil acesso e de características climáticas e biológicas que não eram de conformidade com a cidade de Nova Friburgo (com temperaturas frias como a do Sana, porém com terras infrutíferas para culturas agrícolas tropicais) ou com a sede do município de Macaé (local tropical e quente, onde havia, na maior parte de suas terras, as plantações de cana-de-açúcar, mas que principalmente tinha, como maior preocupação econômica, as atividades ligadas ao mar, como o porto).

O primeiro Sana era um local de famílias isoladas de lavradores que viviam baseados na dinâmica do café e de outros produtos secundários. Sua vida era essencialmente rural com poucos contatos, que se limitavam as famílias que faziam fronteira com as suas terras, e se preocupavam basicamente com a lavoura e o escoamento desta para o porto de Macaé ou para as localidades próximas. Era uma comunidade que estava se adaptando tanto a vida isolada da comunidade do Sana mas também a realidade de um sudeste rural brasileiro, de um local de mata virgem que estava recebendo a exploração primitiva para fins agrícolas de um povo que passou por momentos muito complicados desde o momento em que saiu da Europa e tentava se instalar em um local que não passariam tantos problemas, e por isso, estava se desenvolvendo bem e se encontrava satisfeita. É um distrito em construção, em evolução, em desenvolvimento, em descobrimento e em contato maior da cultura das famílias com o espaço e suas trocas do que entre diferentes culturas familiares, que ocorriam, apesar de poucas, entre um número estritamente limitado de famílias e de indivíduos, e que pouco se moldavam, mas que construíam, nas suas margens, uma troca, um contato, que trazia similaridades particulares aquela região.

O Sana em seu ápice econômico com uma população crescente, em plena ebulição, seria o segundo Sana. Esse Sana contava com uma sintonia com o meio,

tanto sabendo como lidar e fazer trocas com a terra, com o ambiente, quanto menos isolado com as famílias ao lado e com o mundo a sua volta. O café está muito valorizado na região, fazendo com que muita gente queira fazer parte dessa empreitada, encaixar-se na dinâmica cafeeira da serra, mesmo que o local ainda seja de difícil acesso (situação que não mudou muito nos anos 2020). Dentro do município, a serra era o local mais procurado para moradia e que contava com o maior número de habitantes. Valorizando-se o café, valorizava-se também o espaço e havia uma maior troca de culturas. Mais gente chegando à localidade, mais famílias conversando entre si, saindo de dentro de suas propriedades e olhando ao lado. Esse contato com o meio, agora diferente, traz familiaridade, grande exploração do potencial agrícola da terra e um contato global de uma dinâmica cafeeira de exportação com aquela pequena comunidade rural.

Esse Sana do início do Século XX é onde se viu talvez a época de maior valoração daquela localidade, mesmo frente ao potencial turístico atual do distrito. Com o ápice da importância do café na economia da serra macaense, tanto o Sana se tornou um dos locais mais populosos do município, ainda enquanto era parte do Frade – visto a quantidade de eleitores que se encontrava nessa região que ultrapassava o número de eleitores da cidade de Macaé.⁷ Importância essa que deu resultados no panorama econômico, onde as produções do café do Sana e do Frade, feitas por núcleos familiares, eram transportados por tração animal até Glicério, também parte do Frade, que tinha a estação de trem e era levado por Neves até o porto da Imbetiba em Macaé; e, no panorama político, visto que fortes embates políticos aconteceram na região durante o governo de Alfredo Backer – um macaense republicano – no Estado do Rio de Janeiro e a rixa entre partidários de Backer e do Visconde de Quissamã, que levou à morte de um jovem militante político daquela localidade a favor do Visconde, Argeo Brazil, morto por policiais e

⁷ Segundo o *Manifesto do eleitorado macaense* no Jornal O Lynce em 18/04/1903, a cidade contava com 812 eleitores, enquanto que o Frade (na época, o Sana fazia parte do distrito do Frade) contava com 885 eleitores.

tido como vítima de morte política arquitetado por representantes de Backer (FRANCO, 2009). A valoração da região faz com que o Sana transforme-se em distrito em 1902, pois até o momento suas terras faziam parte do distrito do Frade (principal núcleo do café na serra de Macaé).

Nas décadas de 1910 e 1920, percebeu-se esse crescimento do Sana, onde não só víamos famílias ligadas à imigração residindo por lá, mas também a chegada de novos elementos como as famílias luso-brasileiras e as famílias de ascendência africana, sendo até mesmo as dos quilombolas da região. O Sana efervescia não só de café, não só da prosperidade econômica e política, mas também a efervescência cultural com um fluxo maior de pessoas, que traziam suas fronteiras para dentro das outras fronteiras familiares e que se tornavam pessoas híbridas pelo contato na região, entre as famílias e a terra. As fazendas de café, onde a grande parte era de origem familiar, de subsistência – e não latifúndios ou grandes pedaços de terra – estavam operando com total força e atraíam a atenção de pessoas que queriam participar da produção. A serra estava em pleno movimento.

E assim chegamos até o terceiro Sana, o da crise, do decréscimo e, por fim, da estagnação. Aqui vemos o baque da crise do café nos anos 1930. Muitas famílias que estavam no Sana apostando tudo na localidade sofreram um grande choque. Após a queima dos excedentes de café, feitos por Getúlio Vargas, as famílias do Sana vão diminuindo; as que estavam na região desde as décadas de 1820 e 1830 passam a ver aquele lugar seguro e propício para os seus negócios familiares como um empecilho à sua moradia; famílias que tinham, na sua base, a memória da vinda para essas regiões de lugares distantes e que estavam habituados depois de um tempo e talvez imaginassem que suas próximas gerações não precisariam mais uma vez encontrar o pertencimento em outra região.

Era o seu meio, que agora seria desapropriado, e o Sana decresce, esvazia. Os campos são abandonados, as plantações de alguns sítios e fazendas voltam a ser

mato, e o movimento da população mais uma vez mexe com a geografia, a qual não oferece alternativas visíveis de melhora para aquelas famílias. Olham para suas terras e não se sentem convidados a ficar, por mais que se sintam parte dela. É época do êxodo, onde parte dessas famílias procuram a área urbana da região para se instalarem, sendo Macaé, Nova Friburgo ou Casimiro de Abreu. Algumas seguem para mais longe, como Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e o sul do país. Outras ainda se sentem pertencendo a uma realidade rural (essas em menor número) e se direcionam para locais onde poderiam tentar novos produtos, nova cultura agrícola.

E assim, no momento posterior, de estagnação, vemos a continuação de algumas famílias apesar da crise, e a reinvenção do Sana com novas formas de se entender o espaço. Quase que um jeito de reconstruir o Sana e voltar ao que foi os anos 1820 e 1830. Pelo pertencimento, por se entenderem como parte do meio, como comunidade, aqueles que permanecem decidem fazer uma mudança de culturas no Sana, ao invés de se mudarem espacialmente. Então, o café desaparece. Poucos são os locais na serra macaense no século XXI que possuem “pés de café”. Basicamente poucas famílias para consumo próprio. O contato com o café foi desfeito com o forte baque da crise e as terras daquela comunidade passam a ter a cultura da banana e a pecuária como seus principais produtos. A criação de bois seria a grande dominadora da mudança de ambientes no Sana, com os campos agora em capim para pasto, com os morros pelados, visíveis, como ainda é a dinâmica das regiões rurais do Sana atualmente – essas no caso com a Cabeceira do Sana sendo a principal delas. E digo regiões rurais pelo fato do Arraial do Sana, que comporta a parte urbana do distrito, ser hoje voltada ao turismo, não tendo muita relação com culturas agrícolas como em outras áreas onde está boa parte da herança do Sana do século XIX.

Com a estagnação dos anos 1950, vemos uma população fixa dessas famílias que decidem ficar, onde vão sofrendo um êxodo rural, porém de uma forma amena, com alguns dentre os mais jovens se mudando para os centros urbanos

próximos. A Cabeceira do Sana, principal resquício do Sana das plantações de café, sobrevive com parte da população indo trabalhar nas cidades de Macaé e Casimiro de Abreu, poucos se mantendo na produção agrícola, mas sim focados no setor petrolífero, atividade majoritária presente em Macaé e região.

Assim, a cultura religiosa, os ritos e crenças daqueles que vivem na localidade são influenciadas pelos três diferentes Sana, e também influenciam. Essa cultura religiosa, as comunidades religiosas, são frutos do meio, assim como também frutos das famílias que vivem na região. O meio conta como algo que molda as culturas. As fronteiras religiosas são adentradas pelas fronteiras que o espaço geográfico produz desde o início, pois esse espaço se encontra dentro das fronteiras das famílias que primeiro chegaram à região, e as fronteiras se encontram com diferentes culturas, ocasionam diferentes contatos que moldam as formas de cultivar e modificam o espaço. Em seguida, interfere nas vidas daquelas que saem e influenciam outras regiões onde se inserem e das que permanecem fixas no distrito. O espaço religioso se correlaciona e traz interconexões com o espaço rural. O fluxo de pessoas de um lugar para outro ou seu deslocamento espacial para se fixarem em um determinado local traz consigo fluxo de material cultural, que se fixa no lugar e modifica o meio, além de não sair puro, pois também tem de ser modificado para se encaixar nessa nova realidade, seja de ambiente, seja de clima, seja da paisagem, seja das estradas e caminhos que conectam ou desconectam os fluxos, ou por modificações espaciais que já ocorreram, ou pelas que irão ocorrer com o passar do tempo (BARTH, 2011).

Em um movimento de “dialética das durações” dentro do espaço, diferentes temporalidades dialogam entre si, no meio e com o meio. A instalação da comunidade pelos colonos, a ebulição da economia cafeeira e o êxodo causado pela crise para uma estagnação e novo isolamento entram em diálogo com os acontecimentos do dia-a-dia daquela comunidade isolada e fazem contato com a geografia da serra de Macaé (a terra de bom plantio com o clima frio e ameno, que

está entre os montes, tornando-o de difícil acesso e que possui culturas específicas que foram misturadas, manipuladas e criadas naquela área) (BRAUDEL, 1992). Todos conversam, todos modificam e transformam, todos se influenciam. E a religião se encontra dentro de toda essa dialética, pois não está alheia, não é estática, pelo contrário, é transformada e transforma, junto da cultura, junto da vivência, junto da economia, junto das dinâmicas espaciais (BARROS, 2005). É religião (e cultura) híbrida, muito por conta do meio. Sem o espaço do Sana, isolado, frio, mas atraente aos olhos de quem queria sair de Nova Friburgo (também traído por seu clima e suas terras, ou seja, influenciada pelo meio), esse hibridismo não aconteceria; este que é negado, mas acontece dentro daquelas comunidades institucionalizadas, como a Igreja Presbiteriana do Sana e a Igreja Batista do Sana.

Durante o primeiro Sana, temos uma religião que foi feita de forma particular, dentro de suas próprias residências, com o culto doméstico e familiar. Trazendo as culturas religiosas da Suíça e da Alemanha com o fato de estarem deixando de ir aos cultos em Nova Friburgo para cultuarem dentro de suas casas, por conta do isolamento, pelo local onde estavam inseridos, com difícil acesso. Esse era o lugar que preferiam estar, pela terra, pelo sentimento de que aquilo iria dar certo, pelo pertencimento à região, que se anexa à cultura religiosa daquela terra. Ela faz parte daquilo e, por isso, é tão isolada e ligada à fazenda quanto as pessoas que fazem parte disso. O café é plantado pelas pessoas da família, tem um pouco de contato com as pessoas daquela comunidade, que também desmatavam as matas para a plantação do café dentro desse local distante da própria cultura dominante.

Um pouco de contato, que influenciava em detalhes, mas que de fato o que valia eram suas vivências particulares dentro das cercas daquelas fazendas, assim como as experiências religiosas dessas famílias do Primeiro Sana. Um culto interno, mas que trazia as experiências particulares e o contato com as diferentes crenças particulares de quem estava ao lado, e também dos escravos que faziam parte da vida da fazenda, que anexavam seus cultos, seus ritos. O café moldava e trazia vida

àquela comunidade, à terra,
ao clima e ao local onde estava no espaço, trazendo as
particularidades daquela religião.

Durante o segundo Sana, o mundo aparece àquela localidade, ainda que ela estivesse dentro de um local isolado, ela tem contato, ela se mostra, ela traz novas culturas, e novas pessoas querem conhecê-la. Não é à toa que a religião do Sana, particular e híbrida, torna-se pública e ainda mais híbrida. Se é a época de sair das suas terras, levar mais trabalho, valorização e mostrar o café do Sana ao mundo e o clima propício a esse café que dá certo, então também é a época em que o culto se conecta entre as pessoas, que ele sai das casas e quer ter uma nova disposição, fazendo com as outras pessoas se relacionem e troquem experiências. A terra está em alta, o culto está em alta. Cada vez mais as igrejas, que agora tentam se encaixar na dinâmica de mundo, tentam se globalizar, adotando as regras que estavam em vigor fora desse ambiente, fora da localidade e da comunidade do Sana, assim como o café está sendo adequado e conectando aquelas pessoas às outras comunidades próximas (BRAUDEL, 1983).

Vemos nas atas o maior número de profissões de fé e batismo ocorrerem nessa época. Ao mesmo tempo que as práticas religiosas adotam uma postura moralizante, os dois são fruto das décadas de 1910 e 1920. As igrejas estão abarrotadas de pessoas, todas lavradoras, todas ligadas ao café, que movimenta essa igreja, com suas práticas agrícolas, com suas experiências, vivências e opiniões que juntam o que veem na terra e o que aprendem com as dinâmicas de fora da comunidade, seja a dinâmica religiosa ou a dinâmica socioeconômica do café.

Depois vemos o desgosto com a terra, o deixar de ter um sentimento de pertencimento, e a crise traz também uma crise espiritual às igrejas institucionalizadas. As pessoas estão abandonando as terras e saindo das igrejas. O baque é demonstrado nas atas, sendo perceptível o desespero dos presbíteros frente à grande derrocada de membros que o sofrem na presbiteriana. Aos poucos esses espaços vão ficando vazios, como a comunidade e como as fazendas que agora

precisam ir se reconstruindo.

Muitos dos próprios presbíteros deixam a comunidade e se mudam.

As pessoas que ajudaram a moldar inicialmente aquele lugar, que manipularam a terra, desmataram as relvas, estão em crise com o espaço, e deixam suas construções, deixam o legado de suas famílias, sentem-se incomodados em estar ali. Mas os que ficam, tem a missão de mudar o que está sendo feito com a terra, e o que está sendo feito com a igreja. Enquanto os campos agora precisando deixar de ter o café e precisam se preparar para receberem outros produtos, novas culturas, a igreja precisa se adequar a um momento novo, um momento de reconstrução, de integrar os que ficaram e entender que o modo de culto seria familiar, seria quase que doméstico, como foram as primeiras formas de culto no Sana.

5. Considerações finais

O objetivo então é concluído ao encontrarmos as origens e as conexões. As dúvidas sobre como esse culto se inicia, como acontece a vinda dos imigrantes a essa região e como a comunidade se forma, porque o meio foi crucial para a instalação, desenvolvimento e continuidade dessas famílias e como foram moldando o meio em troca. Os deslocamentos, trocas culturais, a forma com que essa religiosidade híbrida dita protestante surge dentro de uma comunidade isolada em um Brasil católico, mesclada junto a cultura religiosa dominante, mas também aos elementos espíritas e afro-brasileiros. A origem, o crescimento, o declínio e a estagnação do Sana fazem parte desta dinâmica no espaço social, que molda e é moldada pelo meio, e cria novas identidades, antes e depois da chegada das missões presbiteriana e batista.

Assim permanece com o tempo naquela comunidade, tanto a terra quanto as igrejas. Os dois lados se modificando, influenciando, crescendo e decrescendo juntos. A cultura e o espaço rural; a própria forma onde os presbíteros ficam à frente das igrejas vem do fator espacial, onde se aqueles não querem vir até “aqui”,

nós nos mantemos assim como mantemos a terra, assim como somos zeladores dos campos e eles florescem; também somos zeladores do culto e a religião florescerá. Na serra, as crenças e os campos andam juntos.

REFERÊNCIAS

FONTES

ARQUIVO MUNICIPAL DE NOVA FRIBURGO. **Alemães Pioneiros em Nova Friburgo**. Nova Friburgo/RJ: Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, s/d.

ATAS DA IGREJA LUTERANA DE NOVA FRIBURGO. **Coleção 1 e Coleção 2**. Centro de documentação D. João VI.

DAUDT, Eldo. Entrevista de História Oral sobre a Igreja Presbiteriana do Sana. Laboratório de Estudos da Imanência e da Transcendência (LEIT/UFF). Campos dos Goytacazes/RJ, Áudio Gravado, 58 min. Entrevista concedida a Vinner Stutz de Oliveira.

LIVRO DE ATAS DE NÚMERO 1 E DE NÚMERO 2 DA IGREJA PRESBITERIANA DO SANA, Macaé/RJ.

BIBLIOGRAFIA

AMANTINO, Márcia; RODRIGUES, Cláudia e Outros (Org.). **Povoamento, e escravidão na antiga Macaé (séculos XVII ao XIX)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

BARROS, José D'Assunção. História, Região e Espacialidade. **Revista de História Regional**. 10, 1, 95-129, Verão, 2005.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Felipe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias de etnicidade**. São Paulo: Unesp, 2011, p. 185-228.

- BASTIDE, Roger. **O Sagrado Selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2001.
- BRAUDEL, Fernand. **A escrita da história**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2010.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FRANCO, Maria da Conceição Vilela Franco. **A morte conta a vida: sentenciamento, assassinatos e sepulturas na construção da memória no município de Macaé (Rio de Janeiro, 1855-1910)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Salgado de Oliveira. Niterói/RJ, p. 217, 2009.
- GOMES, Flavio dos Santos. **Mocambos e Quilombos**. Uma História do Campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claroenigma, 2015.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos. Palavras da Antropologia transnacional. **Revista Mana**. vol. 3, n. 1, 1997.
- HECHT, Joseph. **A Imigração Suíça no Brasil: 1819-1823**. Missão Primícia, 2009.
- LEWGOY, Bernardo. A Transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: Uma discussão inicial. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 28, 1, 84-104, 2008.
- NICOULIN, Martin. **A Gênese de Nova Friburgo**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1995.
- RUTHERFORD, Jonathan. O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha. In: RUTHERFORD, Jonathan (Org.). **Identity: community, culture, difference**. Lawrence & Wishart. Londres, 1990.
- SILVA, Tomas Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVIA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

SOARES, Caleb. **150 anos de paixão missionária**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.